

de SOL a SOL

elenco de colaboradores:

Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto Lima, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Alver Costa, António Sérgio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Branco Chaves, Cruz Malpique, Eduardo Braga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alves, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Cirne, João Alberto, João de Barros, José Régio, Julião Quintinha, Luís de Sanjusto, Lygia, Mando Martins, Manuel Filipe, Manuel Inácio de Faria, Maria Aurea, Maria Emilia, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha do Santor, Vitorino Nemésio, etc.

Profilaxia do crime

Vão longínquos os tempos para os quais o antídoto contra o crime consistia no castigo. Hoje, mesmo as mentalidades mais acentuadamente feridas pelos conceitos antigos, encaram o crime sob o aspecto dum processo mórbido e acentuam, nomeadamente, as condicionantes fisiológicas, biológicas, sociais e educacionais que para a realização criminal influem. Tira-se ao crime a função simplista do livre arbitrio e ante a argúcia do investigador todo um caso se apresenta, cheio de meandros, nos quais ele terá de encontrar problemas de conformação física, de orgânica fisiológica, de estrutura biológica e de formação mental. O investigador que deverá possuir todo o senso e toda a ciência dum psiquiatra, que habituado esteja a respirar os ares novos das conquistas da ciência moderna, nos aspectos que, sobretudo, se relacionam com a psicologia e que tantos são, encontra diante de si a vastidão de mundos ignotos. O problema do crime e a luta contra o crime começa a tratar-se em plena objectividade e consciência. As conferências do mestre brasileiro Leonidio Ribeiro, uma das quais transcrita recentemente pela «Seara Nova», demonstram o estado da grave questão e assinalam por onde se deve, principalmente, começar. E' na criança que a tendência criminal deve encontrar-se em forma de tara patológica e aí eliminar a sua progressão. Problema de ordem prática, é posto aqui para lembrança dum estudioso que o queira tratar nas nossas colunas.

Antíteses

Cidade e campo foram colocados, as mais das vezes, como antíteses que se ferem e se não entendem. O *Paris de A Cidade e as Serras* é a presunção dum luxo amolengador, um sibirismo das antigas e bíblicas cidades orientais, junto a uma aridez de materialismo que tudo satisfaz com suas máquinas feitas inúteis pelo desejo e a necessidade viva de exercício físico, de actividade. O pobre Jacinto, esse prodigioso retrato do nosso Eça, simboliza todo o torturado duma vida convencional, passada entre as malhas férreas de mil artificialismos citadinos, como o pobre Isidro, ou o pobre Cleto, essas

figuras bem tratadas de aldeãos, que mestre Aquilino nos pintou, representam vegetações humanas que, no seu ambiente de vida, estreito, mesquinho, sórdido, miserável, sem espirito porque sem pão, só encontram a estreiteza de estreitos horizontes. Uns e outros, num meio que leva ao exagero as suas próprias qualidades, e que inteligentemente não soube ter ainda a virtude da justa média, sentem a desgraça da sua condição e exprimem a sua revolta. Isidro, do Aquilino, morreu à facada e Cleto terminou sua vida com os ossos na cadeia. O pálido Jacinto, do Eça, esse veio quebrar a antítese e duplicar a serra. A princípio encantou-o a própria dureza do campo. Na sua agressividade via o encanto máximo. Mas, depois, quis trazer até ele os benefícios do engenho humano. Isso foi útil e suavizou a vida. Quebrou assim a serenidade da antítese. Que a cidade não esqueça a beleza e o valor dos campos floridos e que se não endureça de artificialismo. Que os campos se deixem penetrar pelos benefícios da vida moderna e que elevem a sua condição. Para a anulação de campo e cidade como tipos que se ferem é que deve o progresso caminhar.

Desarcação económica

Não é nunca de mais acentuar a importância que tem para o equilíbrio político europeu uma regularidade na vida económica, principalmente no aspecto das relações internacionais. As questões graves da Europa central, onde, mais acentuadamente que à primeira vista o parece, se incuba uma terrível e futura catástrofe, dependem da falta de entendimento no sentido de harmonizar os problemas económicos que ali se oferecem ao estudo e solução dos homens de hoje. Países industriais de um lado do Danúbio, com a necessidade de expansão e colocação em mercados novos das suas produções; países agrícolas do outro, resistindo à ocupação que lentamente se efectua, tudo poderia harmonizar-se, numa lógica suavemente infantil, por acordo e consentimentos mútuos. O que prejudica tudo é a exaltação das autarquias, que gera fraqueza e a fraqueza desvairo, levando cada país à convicção de que se basta a si mesmo, como se a industrial Alemanha pudesse comer os aços que fabrica ou um agricultor visnho vivesse exclusivamente das suas hortas. De interesses simultâneos—e só na aparência opostos—o que impede a colaboração inteligente desses povos danubianos?

SOL
nascente

Quinzenário cultural
de literatura e crítica

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 15 de Julho de 1937—Ano primeiro—Número onze

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ASSINATURAS
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Série de 5 números, 5 ESCUDOS